

Os bons e maus selvagens da imprensa

Elton Rivas*

Resumo

Neste artigo, investigam-se as representações e o discurso sobre os povos indígenas brasileiros na imprensa escrita e os desdobramentos na construção de uma identidade desses povos perante a sociedade nacional. Essas representações se operacionalizam mediante intensa difusão de imagens-clichê, generalizações e estereótipos que alargam a fenda entre o real e o idealizado. A mídia, sobretudo os veículos de comunicação impressa, repercute a questão indígena com base na noção de um “índio genérico”, ignorando a diversidade que sempre existiu entre essas sociedades. Eles são tratados como se formassem um todo homogêneo e como se a generalização fosse a maneira correta de compreendê-los.

Palavras-chave: *Mídia. Imprensa. Povos indígenas. Identidade.*

* Jornalista. Mestre em Estudos Culturais. Atuou como indigenista na Amazônia e no Centro-Oeste brasileiro. Atualmente, é doutorando em Comunicação e Semiótica na PUC-SP.

Introdução

A ideia de singularização da diversidade dos povos indígenas é apropriada e difundida pelos mais diversos atores e segmentos da sociedade brasileira, seja num discurso ecológico, que os associa à conservação da natureza, seja em outro que opera a redução no interior daquilo que convencionamos como universo indígena (os diversos povos e respectivas culturas).

A singularização torna, na superfície, todos iguais entre si e na relação com os não índios. Esse processo ocorre num plano simbólico e em nosso caso interessa compreendê-lo sob a perspectiva dos meios de comunicação de massa, sobretudo na produção jornalística textual, o jornalismo impresso, seja por meio do conteúdo das agências, publicação em jornal, seja pela difusão via internet nos sites dos jornais impressos e em veículos digitais.

A atividade jornalística não pode ser a única responsável pelo desconhecimento que ainda prevalece em relação aos povos indígenas e suas respectivas culturas. Contudo, ela ocupa papel de destaque na sociedade contemporânea. Grupioni¹ (1995, p. 482), ao comentar o acúmulo de conhecimento de que dispomos sobre as sociedades indígenas brasileiras, assinala:

Apesar da produção e acumulação considerável de conhecimento sobre os povos indígenas brasileiros, esse conhecimento ainda não logrou ultrapassar os muros da academia e o círculo restrito dos especialistas. Nas escolas a questão das sociedades indígenas, frequentemente ignorada nos programas curriculares, tem sido sistematicamente mal trabalhada. Dentro de sala de aula, os professores revelam-se mal informados sobre o assunto e os livros didáticos, com poucas exceções, são deficientes no tratamento da diversidade étnica e cultural existente no Brasil [...] as organizações não-governamentais, que têm elaborado campanhas de apoio aos índios e produzido material informativo sobre eles, têm atingido uma parcela reduzida da sociedade.

Essa afirmação reforça a responsabilidade e o papel da mídia¹ na veiculação de informações sobre a diversidade indígena brasileira, agindo como mediadora, uma vez que é ela que seleciona, organiza e veicula os discursos sobre os grupos étnicos para a sociedade em geral.

¹ Apesar do largo emprego, é difícil encontrar uma definição consensual explícita do conceito de *mídia* entre os pesquisadores do campo da Comunicação. Empregamos o conceito de *mídia* como extensão ou decorrência natural de conjunto de meios de comunicação. O termo também é utilizado no mesmo sentido de *imprensa*, *grande imprensa*, *jornalismo*, *meio de comunicação*, *veículo*. Comumente, alguns autores citam no plural, *mídias*, num esquecimento – deliberado ou não – de sua origem latina como plural de *medium* (meio).

Em nossa época, a instantaneidade da informação propicia cada vez mais a diluição de fronteiras e a homogeneização das diferenças. Ocupar as páginas dos jornais é, sem dúvida, muito relevante, uma vez que os índios² passam a “existir” para muitos brasileiros somente ali ou nas imagens “capturadas” e retransmitidas pela televisão. Contudo, trazer a questão indígena às manchetes não implica que o jornalista consiga perceber a alteridade indígena e aceitá-la, praticando um jornalismo “no qual o índio não apareça rotulado por estereótipos diretos ou indiretos que remetam a traços culturais definidos unilateralmente, o que alimenta preconceitos e a agressividade mútua”. (BITTENCOURT, 2004, p. 17)

A questão indígena ainda ocupa papel secundário na atualidade brasileira, submetida, de acordo com Arruda (2001, p. 48), a “vetores dinâmicos, políticos e econômicos, tais como a questão agrária, questões estratégicas de fronteiras, desenvolvimento econômico, questões ecológicas”. Assim, os índios surgem quase sempre como uma extensão ou uma particularidade de outros eixos temáticos.

No geral, os jornais veiculam representações redutoras que confinam essas populações basicamente nas duas concepções divergentes citadas: os bons e os maus selvagens. Porém, sempre selvagens.

Essas versões se operacionalizam mediante intensa difusão de imagens clichês, generalizações e estereótipos que alargam a fenda entre o real e o idealizado. A reprodução dessas concepções incide diretamente sobre o imaginário de não índios com evidente repercussão em suas relações com a sociedade nacional.

De qualquer forma, o índio é convertido, segundo Barbero (2003, p. 272), “no que há de irreconciliável com a modernidade e hoje privado de existência positiva”. Sob esse prisma, são tratados como os únicos traços do que nos resta de autenticidade, cujo modo de vida deve ser “preservado” e mantido a distância do mundo “civilizado”, tal o risco de contaminação.

São concebidos como tipos puros, enraizados, que devem assim se manter relíquia a ser conservada – objeto de museu, exemplares remanescentes de uma pureza idílica. Nessa perspectiva, toda e qualquer transformação ou aquisição cultural é compreendida como contaminação, degradação cultural e perda de identidade. Passa a ser imperativo que, para não deixarem de ser “índios”, sigam obedecendo a determinados padrões que confirmem clichês construídos (e em circulação) na sociedade. É preciso que os indígenas obedeçam a determinados padrões, pois fingindo a eles, deixam de ser “índios”.

2 Para efeito de fluência textual, utilizamos a designação “índios” para fazermos referência às diversas sociedades nativas que aqui viviam anteriormente à chegada dos colonizadores europeus e cuja situação atual pode ser compreendida como resultado de diferentes processos históricos aos quais cada uma delas foi submetida.

É claro que quando esse papel não é desempenhado a contento, culpa-se o contato com a sociedade não índia, evidenciando, mais uma vez, uma visão estanque das populações indígenas, considerando-as e a suas culturas como exteriores ao desenvolvimento capitalista, vivendo fora da temporalidade presente, num passado congelado e não reconhecendo sua alteridade.

Ainda são recorrentes matérias jornalísticas com pouca pesquisa sobre os povos retratados, sem a devida contextualização e raramente são consultadas fontes indígenas. Em geral, a imprensa adota uma concepção genérica de índio, ou constrói um “índio genérico”. Os 222 povos indígenas brasileiros (ISA, 2005) são tratados como se formassem um todo homogêneo.

Encontramos nomes dos povos indígenas trocados ou pronunciados sem o cuidado linguístico, como merecem, por exemplo, a pronúncia de um nome francês ou inglês, num noticiário televisivo. Não raro, determinado povo indígena é associado a locais onde nunca viveu, ou imagens exibidas em certa reportagem referem-se, na verdade, a outra etnia, quando não se trata de imagens de arquivo defasadas temporalmente.

Um bom exemplo disso são as duas fotos publicadas na *Veja* (2004) que ilustravam acontecimentos distintos, retratando povos indígenas diferentes, veiculadas na mesma matéria com o claro objetivo de criar uma associação entre elas.



Figura 1

Foto: Dida Sampaio/AE



Figura 2

Foto: Celso Junior/ AE

Corpos dos garimpeiros mortos chegam a Porto Velho e índios assistem à sessão do Congresso pelo telão.

As fotos ilustram a reportagem *Sem fé, lei ou rei*, assinada pelo repórter Leonardo Coutinho, que repercute a morte dos 29 garimpeiros em confronto com índios Cinta-Larga da Terra Indígena Roosevelt, no início de abril de 2004.

Enquanto a primeira fotografia está diretamente relacionada ao fato, registrando a chegada dos corpos dos garimpeiros mortos ao Instituto Médico Legal (IML) de Porto Velho, a outra revela um grupo de indígenas, assistindo, via telão, uma sessão no Congresso Nacional. Não é revelada a etnia a qual pertencem, como se suas vestes e cocares bastassem para que fossem facilmente identificados como índios. Além disso, sugestiona que exista relação entre uma foto e outra. É como se, pelo simples fato de serem índios, fossem igualmente responsáveis pela morte dos garimpeiros em Rondônia.

Não podemos deixar de notar que a posição descontraída, deitados em uma sala, aparentemente confortável, contrasta com os sacos amarelos onde estão os cadáveres dos garimpeiros. A revista *Veja* associa situações completamente distintas que forma a imagem de índios “genéricos”, que os homogeneiza, que os inserem no mesmo enredo, a despeito da inexistência de qualquer ligação com o fato abordado pela reportagem.

Da forma como foram publicadas, as duas fotografias servem ao propósito de defender a ideia, desenvolvida no corpo da reportagem, de que as populações indígenas possuem uma situação privilegiada no Brasil atual.

Cinco séculos depois, essa imagem praticamente se inverteu. Os índios são idolatrados. No Brasil do século XXI, todo dia é dia de índio. Os selvagens são vistos como defensores da floresta e guardiões de culturas e línguas que precisam ser preservadas a todo custo.

[...] Com as tribos indígenas prósperas, donas de latifúndios tão vastos e sob a tutela da Funai, fica a pergunta: quem vai cuidar da tribo dos garimpeiros? (COUTINHO, 2004²)

Na condição de mediador e formador da opinião pública, o jornalista pode ser considerado um “agente de intermediação”, denominação que Arruda (2001) utiliza para discutir o papel de indigenistas, missionários, antropólogos e outros personagens da sociedade envolvente que participam da vida nas aldeias. A mídia, em razão do seu destino e de sua natureza, carrega um valor de autoridade, ocupa um lugar de suposta dona da verdade, o que reforça a responsabilidade do profissional da imprensa no processo de transformação social, uma vez que, ao oferecer uma informação (de qualidade) à sociedade, contribui para o fortalecimento dela.

Os jornais evocam imagens, dispersam versões e projetam visões sobre o índio e os índios, incidindo diretamente as representações de índios para não índios, e vice-versa. Ao contrário do que em geral ingenuamente supomos, algumas etnias sabem disso e disso tiram proveito, uma vez que o acesso aos meios de comunicação é hoje franqueado a alguns grupos indígenas. Em alguns casos, eles participam desse procedimento tentando legitimar sua identidade diferenciada e, por meio dela, instituírem-se como sujeitos desse processo de significação.

Podemos notar isso, por meio de intervenções deliberadamente performáticas na cena pública protagonizadas pelos indígenas, como o fechamento de estradas, marchas, manifestações diversas e até mesmo o aprisionamento de agentes do Estado. Assim como a mídia veicula determinadas imagens dos povos indígenas para produzir as representações que interessam, determinados grupos indígenas passam a lançar mão dos mesmos meios, seja reforçando as diferenças, o estereótipo, seja simplesmente buscando uma afirmação étnica, de acordo com determinados objetivos políticos. Nessa disputa, chegam a se apropriar de elementos não índios, seja para montar estratégias que lhes permitam

2 Disponível em: http://veja.abril.com.br/280404/p_048.html Acesso em: 10 abr. 2010.

escapar de estereótipos hegemônicos (raciais, de hábitos), seja para reafirmarem sua diferença.

Quaisquer que sejam as formas de lutas que envolvam a defesa de interesses dos grupos étnicos, por meio dos tradicionais mediadores (ONGs e instâncias governamentais) ou de lideranças ou organizações representativas dos próprios índios, a mídia segue como a efetiva construtora, para não índios, das imagens prototípicas dos índios ou propositora de uma imagem que será inserida na teia de significações de cada receptor.

A porção cinta-larga

Maria Clara trancafiou-se com Laura no banheiro e desferiu 30 sopapos na bandida, numa espécie de encenação sadomasô perfumada da justiça com as próprias mãos. Catarse geral.

Façamos um paralelismo esquemático entre crime e castigo na novela e na vida real. O fio condutor da novela é o embate entre o mal e o bem. Quando o mal se apodera da situação, todos sabem que, mais dia, menos dia, ele será punido. O mal em ‘Celebriedade’³ é Laura. A fofa, encarnada por uma inspirada Cláudia Abreu, é a síntese do que há de ruim. Estava marcada para ser punida – e milhões aguardavam por isso, destilando diariamente rios de ódio contra a malvada.

Na vida real brasileira, porém, a inevitabilidade da punição pode ser um princípio, uma idéia, um desejo, mas não uma garantia, posto que o mal cada vez mais passeia por aí impunemente.

[...] Acontece que o país está muito impaciente para esperar processos. Há uma sede de vingança no ar. As pessoas querem ir direto ao assunto. A sociedade, cansada de violência e corrupção, está pronta para linchar. Quer malhar o Judas. Assumir a porção Cinta-Larga (GONÇALVES, 2004, p. 3)

Nesse artigo, o autor faz referência a um episódio ocorrido na primeira semana de abril de 2004, provavelmente no dia 7, quando que índios Cinta-Larga⁴ cercaram um grupo de garimpeiros no interior de uma de suas terras indígenas, a Terra Indígena Roosevelt, no Estado de Rondônia, e matou 29 deles.

3 Disponível em: http://veja.abril.com.br/280404/p_048.html Acesso em: 10 abr. 2010.

4 Sob a denominação “Cinta-Larga”, ou “Cinturão Largo”, confundiam-se, de início, diversos grupos étnicos que habitavam a região sudeste de Rondônia e noroeste de Mato Grosso, uma vez que todos usavam algum tipo de cinto e possuíam moradias similares (DAL POZ, 1991, p. 31). O nome Cinta-Larga é um designativo genérico adotado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Os Cinta-Larga pertencem à família linguística Tupi Monde e em 1968 eram cerca de 5 mil pessoas. Atualmente sua população está reduzida a 1.300 pessoas, dispersas em 34 aldeias em quatro terras indígenas (Terra Indígena Roosevelt, Parque Aripuanã, Aripuanã e Serra Morena). (POVOS indígenas do Brasil: os Cinta-Larga. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/cinta-larga> Acesso em: 20 abr. 2010)

Extrapolando o noticiário sobre as mortes no garimpo, os Cinta-Larga passam a ocupar até mesmo outros setores dos jornais, em curiosos desdobramentos, como o que encontramos no artigo citado. Cinta-Larga, de designação de um povo indígena, passa a ser adjetivo de “justiça com as próprias mãos”, de “sede de vingança”. Para o autor, os garimpeiros seriam, então, as “Lauras” da vida real, o que justificaria a ação dos índios contra os invasores de seu território. A selvageria aqui é tolerada, legitimada.

Barros Filho (1995, p. 169) aborda o efeito produzido pela mídia conhecido como *agenda setting*, segundo o qual, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, ela determina os temas sobre os quais o público deve abordar e discutir. Esse agendamento, mais do que nos dizer *o que pensar*, acaba por dizer *como pensar* as questões em debate na agenda pública.

Essa hipótese é muito útil para pensarmos os desdobramentos na cobertura jornalística do conflito entre índios Cinta-Larga e garimpeiros. O incidente projetou a questão indígena na agenda dos meios de comunicação brasileiros, trazendo à baila, mais uma vez, e alternadamente, a imagem de bons e maus selvagens, duas representações antagônicas para um mesmo grupo étnico, que parecem querer dizer, em última instância, que bons ou maus, trata-se sempre de selvagens.

Jabor (2004, p. 5), também, publicou um artigo abordando a questão:

[...] víamos com fascinação sinistra a chegada dos embrulhinhos dos corpos dos 30 garimpeiros massacrados por nossos doces silvícolas que hoje traficam diamantes de bigodinho, calção e relógio. Será que os cintas-largas também comeram pedaços de garimpeiros num piquenique na floresta? Longe vão os tempos em que os índios comiam os inimigos em guerras dignas, preferindo que os condenados mostrassem coragem na hora do esmagamento do crânio, pois suas picanhas e ‘chães de dentro’ teriam mais sabor. Não creio que os garimpeiros tenham morrido de cabeça alta, como um I-Juca Pirama. Devem ter uivado de pavor diante dos tacapes brandidos pelos morubixabas e pajés de ray-ban. Pena que não podemos ver a chacina diante das câmeras, a menos que algum índio tenha gravado em VT.

Jabor retoma a ideia de antropofagia, mas a prática estaria corrompida, pois “longe vão os tempos em que os índios comiam os inimigos em guerras dignas”, já que atualmente o contato e a assimilação de bens de consumo enumerados ao longo do texto (calção, relógio, *ray ban*), afastam os Cintas-Largas de sua condição natural, coloca sob suspeita a sua “indianidade”.

Colocar os Cinta-Larga em cheque, com a suspeita de que não seriam merecedores de um tratamento diferenciado, como rege a legislação brasileira, é uma estratégia comum na imprensa toda vez que determinados grupos indígenas escapam da expectativa do que devem, para os jornalistas, ser os índios.

As matérias jornalísticas acima fazem a generalização e a redução (descritiva e analítica) que acaba por confinar essas populações em basicamente duas concepções: bons e maus selvagens. Por mais que possam parecer opostas, essas duas vertentes indicam que parece restar somente uma opção às populações indígenas: a de serem sempre selvagens.

Independentemente de possuírem qualidades negativas ou positivas, as sociedades indígenas estão sempre situadas em um espaço diferente e exterior a nós, os civilizados. É necessário ir além e pensar nelas como nossas contemporâneas – em meio a intensos processos de mestiçagem cultural, de transformações das dinâmicas sociais que não mais se traduzem apenas em termos de perda e dominação.

The good and bad savages in the press

Abstract

This article investigates the representations and discourse about Brazil's indigenous population in the press and their breakdown in the construction of an identity of these people in relation to national society. These representations become operative through the intense diffusion of cliché images, generalizations, and stereotypes that extend the gap between the real and the idealized. The media, especially the printed press, reflects the indigenous question based on the notion of a "generic Indian", ignoring the diversity that has always existed among these societies, treating them as if they were a one homogeneous whole and as if this generalization was the correct way to understand them.

Key words: *Media. Press. Indigenous people. Identity.*

Referências

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. Imagens do índio: signos da intolerância. In: GRUPIONI, Luís Donisete B.; VIDAL, Lux Boelitz; FISCHMANN, Roseli (Org.). *Povos indígenas e tolerância*. São Paulo: Edusp, 2001.

BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 8ª ed. São Paulo, SP: Hucitec, 1997.

- BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- BARROS FILHO, Clóvis. *Ética na comunicação*: da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 1995.
- BITTENCOURT, Maurício. *Jornalismo: via de comunicação intercultural*. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- COUTINHO, Leonardo. Sem fé, lei ou rei. *Veja*, 28 abr. 2004.
- DAL POZ, João. No país dos Cinta-Larga: uma etnografia do ritual. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia/Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1991.
- GOMES, Mayra Rodrigues. *O poder no jornalismo*: discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hacker; Edusp, 2003.
- GONÇALVES, Marcos Augusto. Maria Clara Cinta-Larga faz justiça com as próprias mãos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 de maio de 2004. Ilustrada.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (Org.). *Discurso e mídia*: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *Os índios do descobrimento*: tradição e turismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.
- GRUPIONI, Luis Donizete Benzi. Livros didáticos e fontes de informação sobre as sociedades indígenas do Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luis Donizete Benzi. *A temática indígena na escola*: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Povos indígenas do Brasil*, jun. 2005. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/pib/portugues/quonqua/quadro.asp>. Acesso em: 20 maio. 2010.
- JABOR, Arnaldo. Nosso coração está cada vez mais frio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 de abril de 2004. Caderno 2.
- KOVACH, Bill, ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo*. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*: jornalismo como produção social de segunda natureza. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- POVOS Indígenas do Brasil: os Cinta-Larga. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/cinta-larga> Acesso em: 20 abr. 2010
- PRIOLLI, Gabriel. Antenas da brasilidade. In: BUCCI, Eugenio; HAMBURGUER, Esther (Org.). *A TV aos 50*: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- RICARDO, Carlos Alberto. Os índios e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luis Donizete Benzi. *A temática indígena na escola*: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.
- SILVA, Tomas Tadeu da. *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura*: a comunicação e seus produtos. Petrópolis, RJ: Vozes, 19.

